

**A IDENTIDADE DOS *b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm* E DAS *b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm*: TRADUÇÃO,  
EXEGESE E INTERPRETAÇÃO DE GÊNESIS 6.1-4<sup>140</sup>**

*Paulo Everton Fernandes da Silva<sup>141</sup>*

**Resumo:** Neste texto pretende-se traduzir, analisar exegeticamente e interpretar a perícopre de Gênesis 6.1-4, somando-se a isso, uma breve análise dos comentários acerca da passagem feitos por Brown, Fitzmyer e Murphy (2007), Champlin (2001), Waltke (2019), Calvino (2018), Kidner (1979) e Wiersbe (2006). Com relação ao tipo de pesquisa optou-se pelo método qualitativo. Quanto aos objetivos, decidiu-se pela pesquisa exploratória. Relacionado aos procedimentos técnicos, elegeu-se o tipo bibliográfico, seguido de análise. As seções do artigo estão dispostas da seguinte maneira: a) as principais interpretações e seus argumentos, b) análise exegetica, c) análise textual e interpretação, e por fim, d) nossas considerações finais com os resultados obtidos. Quanto a identidade dos *b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm* e das *b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm*, os resultados da pesquisa demonstraram que, provavelmente, compreendem “a linhagem piedosa de Sete” e “a linhagem rebelde de Caim”, estando assim em conformidade com a posição naturalista defendida neste trabalho.

**Palavras-chave:** Filhos de Deus; Filhas dos Homens; Tradução; Exegese; Interpretação.

**Abstract:** This text aims to translate, exegetically analyze and interpret the pericope of Genesis 6.1-4, adding to this, a brief analysis of the comments about the passage made by Brown, Fitzmyer and Murphy (2007), Champlin (2001), Waltke (2019), Calvin (2018), Kidner (1979) and Wiersbe (2006). Regarding the type of research, the qualitative method was chosen. As for the objectives, exploratory research was decided. Regarding the technical procedures, the bibliographic type was chosen, followed by analysis. The sections of the article are arranged as follows: a) the main interpretations and their arguments, b) exegetical analysis, c) textual analysis and interpretation, and finally, d) our final considerations with the results obtained. As for the identity of the *benêy hâelôhîm* and the *benôt hâ'âdâm*, the results of the research showed that they probably comprise "the pious lineage of Seth" and "the rebellious lineage of Cain", thus being in conformity with the naturalistic position defended in this paper.

**Keywords:** Sons of God; Daughters of Men; Translation; Exegesis; Interpretation.

---

<sup>140</sup> Trabalho orientado pelo Prof<sup>o</sup>. Dr. Vinicius Magno Borges Nunes Couto.

<sup>141</sup> Especialista em Interpretação Bíblica pelo Seminário Batista Livre – SBL. Graduado no curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Kurios (FAK) - Maranguape-CE (2017). Pós-Graduando em Teologia Reformada pelo Instituto Reformado de São Paulo (IRSP) em parceria com a UNIGRAD-Pós-Graduação. Pós-Graduando em Letras com Ênfase em Linguística pela Faculdade Focus - Paraná. Graduando no curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia - GELPEA (CNPQ/UEPA) e do Grupo de Estudo e Pesquisa Letramentos no Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa - GEPLEALP (CNPQ/UEPA). Monitor bolsista em Análise do Discurso no Curso de Letras-Língua Portuguesa (UEPA). E-mail: [pauloevertonf.d.s@gmail.com](mailto:pauloevertonf.d.s@gmail.com)

## 1. Introdução

O Texto de Gênesis 6.1-4 tem se constituído como objeto de debates no meio acadêmico-teológico por sua vasta possibilidade de interpretações. O texto apresenta os famosos “filhos de Deus”, as “filhas dos homens” e os *nefilim* ou gigantes, como geralmente o termo é traduzido, esses elementos textuais são alvos de proposições das mais divergentes possíveis. As várias interpretações desse bloco temático se originam basicamente a partir de duas posições principais, a saber, 1) *posição sobrenaturalista*, que entende o texto a partir de uma ótica embasada na união sexual entre anjos caídos e seres humanos, seus argumentos giram em torno da influência do contexto histórico literário do Antigo Oriente Próximo no fraseado bíblico, sendo assim, os “filhos de Deus” seriam os anjos caídos e os *nefilim* o fruto híbrido da união profana; 2) *posição naturalista*, que escolhe entender o texto à luz de seus contextos imediato, próximo e remoto, seus argumentos tendem à naturalidade, ou seja, não enxerga figuras míticas e fantasiosas, mas apenas seres humanos e sua degradação moral como o *locus* da passagem, sendo assim, os “filhos de Deus” seriam homens da linhagem piedosa de Sete e as “filhas dos homens” mulheres da linhagem rebelde de Caim. O presente artigo pretende analisar exegeticamente o texto de Gênesis 6.1-4 com o objetivo de verificar qual interpretação mais se aproxima da intenção do autor/escritor bíblico, além de buscar respostas plausíveis para as identidades dos *b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm* “filhos de Deus” e das *b<sup>e</sup>nôt hâ’âdâm* “filhas dos homens”.

Neste texto pretende-se traduzir, analisar exegeticamente e interpretar a perícope de Gênesis 6.1-4, somando-se a isso, uma breve análise dos comentários acerca da passagem feitos por Brown, Fitzmyer e Murphy (2007), Champlin (2001), Waltke (2019), Calvino (2018), Kidner (1979) e Wiersbe (2006). Com relação ao tipo de pesquisa adotado, optou-se pelo método qualitativo, pois segundo Minayo (2014, p. 57) “as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.”. Quanto aos objetivos, decidiu-se pela pesquisa exploratória, pois se pretende analisar, por meio da investigação científica, o tema e/ou o problema da pesquisa. Relacionado aos procedimentos técnicos, elegeu-se o tipo bibliográfico, seguido de análise, pois utilizou-se fontes impressas e digitais para analisar o *corpus*. Concernente a disposição das seções do artigo, em primeiro lugar, apresentamos, em linhas gerais, as principais

interpretações e seus argumentos, posteriormente, traçamos um percurso de análise exegética, em seguida, propomos uma análise textual seguida de interpretação. Por fim, apresentamos nossas considerações finais com os resultados obtidos.

## 2. As principais interpretações e seus argumentos

A perícopes de Gênesis 6.1-4 a muito tempo se estabeleceu como uma das passagens bíblicas mais difíceis de se interpretar, isso se deve às singularidades e especificidades de alguns de seus elementos linguístico-gramaticais, talvez por isso, existem inúmeras interpretações e abordagens distintas do mesmo texto. Dentre as dificuldades recorrentes, está a identificação dos *בְּנֵי הָאֱלֹהִים* (*b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm*) e das *בְּנוֹת הָאָדָם* (*b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm*), isto é, dos “filhos de Deus” e das “filhas dos homens”. Ao que parece, não faz parte da preocupação do escritor explicar a origem ou especificidades a respeito de suas identidades, isso contribuiu para as mais fantasiosas e distintas interpretações possíveis. Diante disso, há necessidade de investigação acadêmica que, pelo menos em termos histórico-gramaticais, resulte em aproximações fidedignas quanto ao ideário e a intencionalidade do escritor ao descrever tais personagens. Tendo em vista as muitas possibilidades de interpretação, três se estabeleceram com mais recorrência, sendo assim, suas descrições e análises tornam-se imprescindíveis.

Segundo Victor P. Hamilton (2007, p. 66): “Em primeiro lugar, um grande número de exegetas antigos e modernos vêem os “filhos de Deus” como uma referência aos descendentes de Sete e em “filhas dos homens”, uma referência aos descendentes de Caim”. A primeira interpretação proposta diz respeito a possível mistura de raças, mais precisamente a linhagem piedosa de Sete com a linhagem pecadora de Caim. Nesse sentido, os elementos míticos e sobrenaturais, presentes em outras interpretações, não constam no relato, ao contrário, a problemática e o *lôcus* em questão giram em torno da figura humana, presente no que se compreende como contexto próximo. Sendo assim, para essa linha interpretativa, o fato de os capítulos 4 e 5 de Gênesis descreverem a genealogia de homens, contribui para o entendimento de que em Gênesis 6 não é possível a interpretação a partir da perspectiva sobrenatural. O professor de Antigo

Testamento Reinaldo W. Siqueira chama esse entendimento de interpretação setita, pois segundo ele,

Essa interpretação identifica os “filhos de Deus” com homens descendentes da linhagem de Sete, ou seja, daqueles que tinham, se mantido fiés a Deus (Gn 5). As “filhas dos homens” seriam mulheres da ímpia linhagem de Caim (Gn 4: 17-24). Este modo de interpretar o texto tem sido muito comum no meio cristão desde os tempos patrísticos. (SIQUEIRA, 2005, p. 39).

Tal interpretação também pode ser chamada de naturalista, pois “esse ponto de vista não vê os *b<sup>e</sup>nê-hâelôhîm* como quaisquer tipos de “seres celestiais”, mas como “seres humanos”, ou seja, “homens” que se relacionaram com as *b<sup>e</sup>nôt hâ-’âdâm*, “mulheres”.” (VAILATTI, 2013, p. 101). Dito isso, impõem-se a necessidade da descrição dos principais argumentos em favor da interpretação setita.

Seus principais argumentos se constroem, basicamente a partir da análise do contexto próximo, seus defensores dizem, por exemplo, que não se pode afirmar que os “filhos de Deus” são anjos porque o contexto não permite a inserção de figuras e/ou personagens sobrenaturais na narrativa. Ademais, a expressão “filhos de Deus” não pode ser interpretada, em todas as ocorrências, como menção aos anjos, pois é também uma designação para homens e suas famílias piedosas (Êx 4.22,23; Dt 14.1; 32,5,6). Outro argumento proposto, diz respeito a ausência de evidências bíblicas que apoiam a possibilidade de seres angelicais manterem relações sexuais com seres humanos, isso estaria mais próximo de lendas e histórias mitológicas do que do relato bíblico, propriamente dito. Outrossim, o fato de o juízo de Deus ser direcionado especialmente aos homens (Gn 6.7) descontrói a interpretação sobrenaturalista. Por fim, a expressão “tomaram para si” (Gn 6.2), talvez estaria se referindo às relações matrimoniais formais, isto é, entre homens e mulheres, e não algo mítico e/ou fantasioso como seria a união entre anjos e seres humanos. Ainda sobre a defesa desse ponto de vista, pode-se destacar

a inesperada menção às “filhas dos homens” (6.2), que estabelecem um paralelo com as filhas de diversos descendentes de Sete, as únicas mencionadas até aqui nas Escrituras (5.4,7,10,13,16,19,22,26,30). Outro exemplo desse paralelismo pode ser verificado nos filhos de Deus, “tomando para si” mulheres (6.2), em relação a Lameque,

descendente de Caim, que “tomou duas mulheres” (4.19). (HAMILTON, 2007, p. 66)<sup>142</sup>.

Uma segunda interpretação dada à Gênesis 6.1-4, “propõe que os filhos de Deus são governantes pertencentes a uma dinastia ancestral. As filhas dos homens seriam seu harém real, tão sedutor quanto o fruto proibido para Eva” (HAMILTON, 2007, p. 67). Tal linha interpretativa indica a total impossibilidade de identificar correspondência para a linhagem de Sete e/ou de Caim, mas sugere a existência de chefes de estados, uma referência aos “filhos de Deus”, isto é, pessoas poderosas e de uma linhagem real que, por algum motivo não estão claramente descritos na narrativa bíblica. “Nessa interpretação, a expressão ‘filhos de Deus’ é vista como se referindo a reis, a governantes poderosos que estabeleceram haréns reais pela força ou que violentaram mulheres de forma indiscriminada”, afirma Siqueira (2005, p. 38). Nesse sentido, o entendimento do relato bíblico não estaria vinculado a qualquer figura e/ou personagem mitológico e/ou sobrenatural, mas parece carecer de evidências internas quanto a própria narrativa. Além disso, o professor Siqueira a chamará de interpretação real. Por isso, também pode ser classificada como uma interpretação naturalista.

Quanto aos argumentos que favorecem seus pressupostos, pode-se enfatizar a influência da cultura, religião e literatura judaica. Os Targums de Onkelos e Jonathan Ben Uzziel de Gênesis e Êxodo, por exemplo, apresentam a seguinte versão: “*And it was when the sons of men had begun to multiply upon the earth, and daughters were born to them, that the sons of the mighty saw the daughters of men that they were beautiful, and took to them wives of all whom they pleased.*” (1862, p. 46), a tradução proposta neste artigo segue assim: “*E foi quando os filhos dos homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e lhes nasceram filhas, que os **filhos dos poderosos** viram as filhas dos homens que eram belas, e levaram para eles esposas de todas aquelas que lhes agradaram.*”<sup>143</sup>. A expressão “filhos dos poderosos” aqui, valida a interpretação de que os “filhos de Deus” eram, na verdade, juizes pertencentes a uma classe nobre, isto é, eram homens poderosos, distintos da sociedade da época. Sendo assim, os “filhos de Deus” eram membros da realeza, enquanto que as “filhas dos homens” seriam concubinas que estariam sempre disponíveis. Em síntese, tal interpretação parece não se

<sup>142</sup> Hamilton esclarece que esse paralelismo seria um forte indício de que, pela análise contextual, é perfeitamente plausível a defesa de que os “filhos de Deus” fazem referência aos homens da linhagem de Sete e que as “filhas dos homens” referem-se à linhagem de Caim.

<sup>143</sup> Traduzido a partir do documento que está em inglês. Quanto ao grifo, é de nossa responsabilidade.

sustentar por meio das evidências no próprio texto bílico e, por isso, apoia sua perspectiva em outras fontes<sup>144</sup>.

A terceira interpretação proposta a respeito de Gênesis 6.1-4, “sugere que os filhos de Deus são anjos. A expressão “filhos de Deus” é na verdade uma forma de denominar as hostes angelicais em Jó 1.6; 2.1; 38.7. Sl 29.1; 89.6” (HAMILTON, 2007, p. 67). Esse entendimento parte do pressuposto sobrenaturalista, ou seja, insinua que os “filhos de Deus”, anjos, se uniram sexualmente com as “filhas dos homens”, seres humanos. Aqui, o olhar do exegeta implica em descrever o relacionamento híbrido que estaria ocorrendo na narrativa bíblica, por isso, pode-se chamar de interpretação mitológica. Siqueira aponta fatores importantes acerca disso, segundo ele,

A interpretação mitológica é também a mais comum entre os acadêmicos de hoje. Alguns desses acadêmicos, permanecendo dentro de um contexto mais “bíblico”, identificam os “filhos de Deus” com os anjos. Outros, aceitando a passagem como originária de um contexto politeísta, vêem os “filhos de Deus” como seres divinos, deuses mitológicos que teriam vindo à terra e se unido em casamento com mulheres humanas. (SIQUEIRA, 2005, p. 38).

Em primeiro lugar, o autor explica que existe um forte movimento acadêmico-teológico em favor de tal interpretação, pois estaria mais próximo do testemunho interno das Escrituras. Além disso, existem desdobramentos e outras possibilidades de interpretação, há aqueles que atestam o aspecto sobrenatural como um fato, mas existe aqueles que encontram respaldo histórico-literário para afirmar que a perícopos de Gn 6.1-4 é, na verdade, uma narrativa mitológica de que o autor/escritor se utilizou para ensinar o que era pretendido por Deus, ou seja, o escritor se utilizou de um fragmento mitológico, que não necessariamente descreve um fato, para transmitir um ensinamento aos primeiros destinatários<sup>145</sup>.

---

<sup>144</sup> Outras fontes judaicas apresentam similar interpretação, como por exemplo, Rashi di Troyes (1985, p. 45) que em seu comentário de Gênesis afirma: “*In quei giorni vi erano giganti sulla terra, e anche dopo, quando i figli dei potenti si univano alle figlie degli uomini ed esse partorivano loro dei figli: sono questi i potenti dell'antichità, uomini di nome.*”, em nossa tradução: “Naqueles dias havia gigantes na terra, e mesmo depois, quando os **filhos dos poderosos** se juntaram às filhas dos homens e lhes deram filhos: estes eram os homens poderosos da antiguidade, homens de nome.”. Aqui, a tradução também é “filhos dos poderosos”. Por motivos de limitação quanto às exigências deste artigo não é possível discorrer mais profundamente a respeito de muitas outras fontes.

<sup>145</sup> O Dr. Carlos Augusto Vailatti (2013, p. 116) em suas considerações finais diz que “o autor sagrado, ao mencionar o mito de Gn 6.1-4, não está emitindo juízo de valor sobre essa antiga crença, mas apenas a utiliza de forma ilustrativa, com o propósito de denunciar a crescente maldade humana que funcionará como elemento desencadeador do dilúvio.”. Interpretações como essa tem se configurado como uma alternativa entre os estudiosos.

Com relação aos seus principais argumentos, podem ser citadas, em primeiro lugar, as ocorrências em que a expressão “filhos de Deus”, isto é, בְּנֵי הָאֱלֹהִים (*b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm*), aparecem fazendo referência a seres celestiais, passagens como Sl 29.1; 89.7; Jó 1.6; 2.1, pela análise contextual entende-se que faz referência a esses seres sobrenaturais. Um segundo argumento, tende a cogitar que as expressões “filhos de Deus” e “filhas dos homens” mantêm relações opostas e, por isso, indicam duas categorias diferentes, ou seja, duas raças distintas, uma divina e outra humana. Por fim, um terceiro postulado de tal interpretação se vale do testemunho literário mitológico do antigo Oriente Próximo que, em muitos momentos afirma e/ou descreve a união sexual entre seres divinos e seres humanos. Corroborando com isso, Walton, Matthews e Chavalas (2003, p. 35) comentando a passagem de Gn 6.2, afirmam que “No antigo Oriente Próximo, acreditava-se que os reis tinham uma relação filial com os deuses, por terem sido gerados pela divindade”. Pensamentos como esse, constituíam o imaginário de muitos povos e civilizações antigas e, isso acabava perfazendo as suas obras literárias. Em outras palavras, a união entre deuses (seres sobrenaturais) e humanos era muito aceita e difundida.

## 2. ANÁLISE EXEGÉTICA

### 2.2 Texto Hebraico Massorético<sup>146</sup>

וַיְהִי כִּי־הִחִל הָאָדָם לְרַב עַל־פְּנֵי הָאָדָמָה וּבָנוֹת יִלְדוּ לָהֶם:  
וַיֵּרְאוּ בְנֵי־הָאֱלֹהִים אֶת־בָּנוֹת הָאָדָם כִּי טִבּוֹת הָיָה וַיִּקְחוּ לָהֶם נָשִׁים מִכָּל אֲשֶׁר בָּחָרוּ:  
וַיֹּאמֶר יְהוָה לֹא־יֵדוּן רוּחִי בָאָדָם לְעֹלָם בְּשָׂגֶם הוּא בָשָׂר וְהָיוּ יָמָיו מֵאָה וְעֶשְׂרִים שָׁנָה:  
הַנִּפְלְאִים הָיוּ בְּאַרְצָךְ בַּיָּמִים הָהֵם וְגַם אַחֲרֵי־כֵן אֲשֶׁר יָבֹאוּ בְנֵי הָאֱלֹהִים אֶל־בָּנוֹת הָאָדָם וַיִּלְדוּ לָהֶם  
הַמָּה הַגִּבּוֹרִים אֲשֶׁר מֵעַנְלָם אֲנָשֵׁי הַשָּׁמַיִם: פ

### Texto Transliterado

V1. wayehî kî-hêhêl hâ'âdâm lârov 'al-p<sup>e</sup>nêy hâ'âmâh ûvânôt yull<sup>e</sup> dû lâhem.

V2. wayyir<sup>e</sup>'û v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm 'et-b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm kî tôvôt hênnâh wayyiq<sup>e</sup>hû lâhem nâshîm mikôl 'asher bâhârû.

V3. wayyô'mer YHWH lô'-yâdôn rûhî vâ'âdâm l<sup>e</sup>'ôlâm b<sup>e</sup>shaggam hû' vâsâr w<sup>e</sup>hâyû yâmâyw mê'âh w<sup>e</sup>'eserim shânâh.

<sup>146</sup> O texto hebraico-massorético que consta nesse artigo foi extraído da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997).

V4. *hann<sup>e</sup>filim hâyû vâ'ârets bayyâmîm hâhêm w<sup>e</sup>gam 'ah<sup>e</sup>rêy-khên <sup>e</sup>asher yâvô'û b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm el-b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm w<sup>e</sup>yâl<sup>e</sup>dû lâhem hêmâmâh haggibôrîm <sup>e</sup>'asher mê'ôlâm 'an<sup>e</sup>shî hashshêm.*

### 2.3 Proposta de Tradução

V1. E aconteceu que, começou o homem a tornar-se numeroso sobre face da terra e filhas foram geradas para eles.

V2. E viram os filhos de Deus as filhas dos homens que eram agradáveis e, eles as tomaram para eles.

V3. E proferiu YHWH: Não contenderá meu Espírito com o homem para sempre, pois também ele é carne e serão seus dias cento e vinte anos.

V4. Os *nefilim* estavam na terra naqueles dias, aqueles e também depois assim, quando entraram os filhos de Deus para às filhas dos homens e eles geraram para eles aqueles, os poderosos que desde da antiguidade, eram homens de renome.

### 2.4 Análise de Algumas Palavras e Critérios Para a Tradução

V1	<p>וַיְהִי (wayehî)</p>	<p>Conjunção וַ prefixada ao verbo no Qal imperfeito consecutivo, וַיְהִי 3ª pessoa do masculino singular.</p>	<p>O verbo וַיְהִי no Qal perfeito pode significar tornar-se; acontecer ou ser (HOLLADAY, 2010, p.108). Aqui, optou-se por traduzir por “E aconteceu”, pois tem-se a conjunção waw (waw consecutivo) somado ao verbo que está indicando uma ação ocorrida no passado, isto é um passado narrativo. (Por equivalência formal).</p>
V1	<p>הָאָדָם (hā'ādām)</p>	<p>Artigo definido הָ prefixado ao substantivo masculino singular אָדָם</p>	<p>אָדָם é um substantivo masculino que é traduzido por “ser humano”, “homem”, ou “povo”. Optou-se por traduzir (equivalência formal) “o homem” porque “a palavra é usada para significar homem, em contraste com uma mulher (Gn 2.18; Ec 7.28); ser humano (Nm 23.19; Pv 17.18; Is 17.7); a raça humana em geral (Gn 1.27; Nm 8.17; Sl 144.3; Is 2.17); e a personificação da humanidade, como indica a denominação “filho do homem” (Ez 2.1,3).” (BÍBLIA, 2012, p. 1508).</p>
V2	<p>בְּנֵי-הָאֱלֹהִים (v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm)</p>	<p>Substantivo na construção masculino plural בְּנֵי, artigo definido הָ somado ao</p>	<p>A palavra בְּנֵי é proveniente de בֵּן que é geralmente traduzida por filho, mas como nesse caso existe uma construção no plural traduziu-se por “filhos” (equivalência formal). O artigo definido הָ, foi traduzido por “de” conforme as maiorias das</p>

		substantivo masculino plural אלהים	traduções optaram. O substantivo אלהים foi traduzido por “Deus” (equivalência formal), no sentido de indicar a divindade suprema. Pode ser traduzido também por “filhos dos deuses” conforme (HOLLADAY, 2010, p. 22).
V2	טבת (tôvôt)	Adjetivo feminino plural. Palavra original טוב. Consta na sua forma flexionada para atribuir gênero e número.	A palavra em seu estado puro equivale a um substantivo/adjetivo masculino/feminino plural e geralmente traduz-se por “agradável”, “bom”, “bonito”. “Adjetivo que significa bom, agradável, frutífero, moralmente correto, fino, conveniente. Esta palavra é frequentemente encontrada no Antigo Testamento e é mais ou menos equivalente à palavra portuguesa <i>bem</i> , em termos de sua função e extensão de significado. Ela pode descrever aquilo que é atraente e agradável aos sentidos (Nm 14.7; Et 1.11; Sl 52.9 [11]).” (BÍBLIA, 2012, p. 1666). Optou-se por traduzir o termo por “agradáveis” (equivalência formal) precedido por “eram” (acréscimo de equivalência dinâmica).
V3	יהוה (YHWH)	Substantivo Próprio. Nome próprio masculino singular	Nome próprio para se referir a divindade. Tradicionalmente o nome de Deus não era pronunciado por questões de reverência (Êx 20.7; Dt 28.58), por isso, não se vocalizava o termo, a partir da Renascença buscou-se a tentativa de reconstruir a pronúncia. Porém seu estado originário mantém-se incerto. Aqui, optou-se por preservar a transliteração sem vocalização (YHWH) a partir do texto massorético.
V3	לֹא-יָדֹן (lô'-yâdôn)	Partícula negativa com função de advérbio -לא e verbo ידון no Qal imperfeito, 3ª pessoa do singular masculino.	O advérbio de negação לא (lô') incorpora a relação de sentido com justaposição ao verbo ידון (yâdôn). O verbo yâdôn possui muitas possibilidades de tradução, como por exemplo: “permanecer”, “agir”, “contender”, no entanto, neste trabalho, optou-se por traduzir como “não contenderá”, para isso, levou-se em conta a análise lexical e contextual (ambiente textual no qual o termo está inserido).
V4	הַנְּפִלִים (hann <sup>e</sup> filim)	Artigo definido ה prefixado ao substantivo	Termo com origem incerta. Algumas traduções modernas vertem o vocábulo a partir de versões antigas. A Sptuaguinta (LXX), por exemplo, apresenta como

		masculino plural גִּיגָנִים	opção οἱ δὲ γίγαντες, isto é, “ <i>ora os gigantes</i> ”, a partir disso, algumas traduções modernas optam por traduzir por “gigantes”, no entanto, a origem e raiz etimológica do termo não poder ser confirmada.
V4	בְּנוֹת הָאָדָם ( <i>b<sup>e</sup>nôṭ há’ádâm</i> )	Substantivo na construção feminina plural בְּנוֹת, artigo definido הַ somado ao substantivo masculino singular	A palavra בְּנוֹת refaz um substantivo feminino originário de נָתָה que traduz-se por “filha”, como trata-se de uma construção no plural acrescenta-se a terminação תּוֹ ( <i>holem waw seguido de tav</i> ). Quanto ao termo בְּנוֹת, é composto pelo artigo definido הַ somado ao substantivo masculino בְּנָה, assim, o termo foi traduzido por “ser humano”, “homem”, ou “povo”. Optou-se por traduzir (equivalência formal) “o homem” porque “a palavra é usada para significar homem, em contraste com uma mulher (Gn 2.18; Ec 7.28); ser humano (Nm 23.19; Pv 17.18; Is 17.7); a raça humana em geral (Gn 1.27; Nm 8.17; Sl 144.3; Is 2.17);

## 2.5 Dificuldades Textuais

O Texto Hebraico Massorético apresenta algumas dificuldades de tradução, isso faz com que nem sempre a tarefa de se encontrar palavras correspondentes para a língua portuguesa, por exemplo, seja uma atividade simples. Tendo em vista tais dificuldades, Francisco (2012, p. xxiii) afirma que “Existem diversas situações inusitadas e especiais de redação do texto da Bíblia Hebraica, no bloco do Pentateuco, revelando problemas de concordância nominal e verbal, vernáculos de tradução incerta, detalhes gramaticais inusitados etc.”. Com relação à perícopos em análise neste artigo, elegeu-se duas palavras ou expressões hebraicas com grau acentuado de dificuldade para a tarefa da tradução, são elas: לֹא-יִתְּן (lô’-yâdôn) e הַנִּלְמָד (hann<sup>e</sup>filîm).

A primeira expressão a ser analisada é לֹא-יִתְּן (lô’-yâdôn). A dificuldade aqui, não diz respeito à partícula negativa com função de advérbio לֹא (lô’) que, traduz-se seguramente por “não”, mas trata-se do verbo יִתְּן (yâdôn). O verbo está no Qal imperfeito e na 3ª pessoa do singular masculino. Segundo a definição de Strong (2021), trata-se de “Uma raiz primitiva (comparar H113); para governar; por implicação para julgar (como árbitro); também para lutar (como na lei): - contender, executar

(julgamento), julgar, ministrar julgamento, pleitear (a causa), em contenda, lutar.”. Algumas versões não mantêm um consenso quanto a tradução dessa expressão. A NAA (Nova Almeida Atualizada) traduz assim: “*O meu Espírito **não agirá** para sempre no ser humano*”; A KJA (King James Atualizada): “*o Espírito que lhe dei **não permanecerá** nele para sempre*”; A NVI (Nova Versão Internacional): “*meu Espírito **não contendirá** com ele para sempre*”. As versões divergem muito, *agir*, *permanecer* e *contender* são palavras de campos semânticos distintos. No entanto, tendo em vista as possibilidades de tradução propostas, neste artigo optou-se por uma tradução de equivalência formal, assim, foi traduzido por “não contendrá”.

A segunda expressão a ser analisada é **חַנְּפִלִּים** (*hann<sup>e</sup>filîm*). Tal expressão carrega muitos mistérios e, por isso, se apresenta com graus significativos para uma proposta de tradução equivalente. Em primeiro lugar, o termo possui origem incerta, ou seja, não se sabe com cem por cento de certeza qual sua raiz etimológica, na verdade, o que existem são especulações e possibilidades. Alguns lexicógrafos e dicionaristas optam pelo verbo **נָפַל** (*nāfal*) como uma possível origem, este termo traduz-se por “*cair*”, “*desabar*”, ou “*afundar*”, sendo assim, o termo **חַנְּפִלִּים** poderia ser traduzido como “*os caídos*”, assim, contribuindo para as interpretações sobrenaturalistas, no entanto, não há consenso no meio acadêmico quanto sua real origem. Sendo assim, algumas versões passaram a seguir certas orientações e escolhas para traduzir o termo. A Sptuaginta (LXX), por exemplo, apresenta como opção **οἱ δὲ γίγαντες**, isto é, “*ora os gigantes*”, semelhantemente, a Vulgata Latina verte o termo como “*gigantes*” e o Targum de Ônquelos traduz como “*os fortes*” (FRANCISCO, 2012, p. xxvi).

Traduções modernas ancoram-se em versões antigas para traduzir o termo, a ARC (Almeida Revista e Corrigida), por exemplo, traduz da seguinte forma: “*Havia, naqueles dias, **gigantes** na terra*”, a VC (Versão Católica) assim: “*Naquele tempo viviam **gigantes** na terra*”. Outras traduções preferem não se comprometerem quanto a equivalência do termo, assim, a NVI verte dessa maneira: “*Naqueles dias havia **nefilins** na terra*”, a KJA segue a mesma orientação, “*Ora, naquela época, e também algum tempo depois, havia **nefilins** na terra*”. Percebe-se claramente que a orientação da ARC e VC são as propostas antigas, já a NVI e a KJA parecem entender a dificuldade lexical e, por isso, optam por apenas transliterar o termo.

## 2.6 Análise Temática e Delimitação da Perícope

A fim de consubstanciar a escolha de Gn 6.1-4 como unidade temática, isto é, como perícope exegética, optou-se por uma breve análise estrutural. Em primeira instância, logo no versículo 1 encontra-se a expressão וַיְהִי (wayehî), traduzido como “*E aconteceu*”. Tal expressão sugere a inserção de uma nova unidade temática, pelo menos por dois motivos, a saber: 1) interrompe a sequência temática do capítulo 5 que limita-se em apresentar a árvore genealógica de Sete; e 2) parece, por si só, sugerir um novo assunto ou tema que será abordado a partir de então. Outro fator preponderante quanto a delimitação da perícope, diz respeito as expressões בְּיְהִי־הַלְהִים (v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm) e בְּנֹת הָאָדָם (b<sup>e</sup>nôt há'âdâm) que aparecem no versículo 2 e 4, corroborando assim, para o entendimento de uma única unidade de tema. Por fim, a expressão בַּיָּמִים הָהֵם (bayyâmîm hâhêm) que é traduzida como “*naqueles dias*”, parece fazer uma espécie de retomada ou referência à וַיְהִי (wayehî), ou seja, “*naqueles dias*” parece que está se referindo aos dias em que “*aconteceu*” de tornarem-se numerosos. Então, claramente se percebem as características estruturais que parecem colaborar para que Gn 6.1-4 se estabeleça como unidade temática.

## 2.7 Análise Histórico-Contextual: contexto próximo e imediato

Com relação ao contexto próximo, se faz necessário uma breve análise do livro de Gênesis e alguns aspectos gerais. O termo “Gênesis”, na verdade é cunhado a partir da Septuaginta (LXX) e geralmente traduz-se por “início”, “começo”, origem”, etc. Em termos gerais, o livro apresenta as origens da história humana e de como Deus escolheu e constituiu para si uma nação, porém, deve-se dizer que tal título não impõe limites ao conteúdo do livro, pois o Gênesis não só consta de origens, mas também de outras temáticas tão importante quanto. O título equipara-se ao do texto Massorético, בְּרֵאשִׁית (b<sup>e</sup>rē'shîṭ), que perfaz a primeira expressão do livro, geralmente traduzido por “*no princípio*” ou “*no início*”.

Uma questão importante envolve a autoria do Gênesis. Até o século XX a autoria mosaica era tida como incontestável, no entanto, a partir de um movimento de criticismo bíblico-teológico oriundo do Iluminismo, questionamentos foram levantados em confronto a tal proposição. Os argumentos se construíram a partir da constatação dos

diferentes nomes de Deus e verificação de distintos gêneros literários presentes ao longo do livro. A postulação de uma crítica que verificasse a autoria do Gênesis deu origem a possibilidade da existência e uso de outras fontes documentais que serviram para compor o fraseado do livro. Tal postulação ficou conhecida historicamente como *Teoria Documental* ou *Hipótese Documental*. Negar a autoria de Moisés pode acarretar alguns prejuízos para a doutrina bíblica, Ellisen apresenta alguns,

Negar a autoria de Moisés traz inevitavelmente o desgaste de outras doutrinas: a) É questionada a inspiração divina, pois os livros passam a ser considerados produto de maquinações religiosas, em vez de palavras diretas de Moisés, o profeta de Deus. b) A exatidão histórica das narrativas e da legislação também são impugnadas, visto que uma aparente aura de embuste difunde-se no conjunto. Como consequência, os acontecimentos passam a ser vistos como mitos inventados por devotos da religião, em vez de história autêntica. (ELLISEN, 1993, p. 16).

Entretanto, existem elementos que sustentam a autoria de Moisés tomando como base, por exemplo, algumas evidências internas do próprio pentateuco (Êx 17.14; 34.27), ou pelo testemunho de Cristo e apóstolos no Novo Testamento (Jo 1.17; 5.47; 7.19; Rm 10.5,19), além disso, as tradições judaicas antigas atribuem não só Gênesis, mas todo o Pentateuco à autoria mosaica. Não se pode descartar também a possibilidade de Moisés ter utilizado outras fontes documentais para auxiliá-lo no trabalho de compilação, no entanto, não reconhecê-lo como autor/escritor desencadeia uma série de problemas doutrinários nas Escrituras.

Com relação aos objetivos de Gênesis, poderíamos analisar da perspectiva histórica e da perspectiva teológica. Do ponto de vista histórico, o livro retrata a historicidade dos fatos, isto é, da origem da humanidade, do pecado, do propósito da redenção, etc. Da perspectiva teológica, o autor/escritor pretende deixar um registro escrito acerca das obras de Deus, deve-se levar em consideração que o público-alvo de Gênesis é, em primeiro plano, o povo que foi escravizado no Egito e, que em determinado momento estava sendo instruído por Moisés no deserto. Assim, era necessária uma espécie de desintoxicação das práticas idólatras e pecaminosas que herdaram. Dentre tantos ensinamentos, Gênesis se propõe em instruir os israelitas para a responsabilidade de um culto aceitável e o reconhecimento da graça, soberania e supremacia de Deus acima de tudo.

O contexto histórico propriamente dito, perfaz o período aproximadamente do ano de 1443 a.C. É muito provável que Moisés tenha escrito Gênesis durante a primeira parte de sua peregrinação no deserto (ELLISEN, 1993, p. 18). Quanto à extensão literária, isto é, o período histórico que compreende os fatos narrados no livro, Ellisen diz que “A história de Gênesis começa com a criação do Universo e do homem e termina com a morte de José, o último dos patriarcas de Israel. O período de tempo está especificado na narrativa como sendo de 2369 anos, aceitando-se o texto hebraico massorético” (1993, p. 18). O ambiente em que se desenrolam os fatos narrados e vividos diz respeito ao “Crescente Fértil”, região mesopotâmica que ficou conhecida como centro da civilização antiga. Sobre isso, Werner Keller pondera,

Há 4 mil anos, aquele semicírculo em volta do deserto da Arábia – chamado de o “Crescente Fértil” – compreendia uma imensidão de culturas e civilizações. Uma clara luz irradiou delas para a humanidade. Ali ficava o centro da civilização desde a Idade da Pedra até a de Ouro das culturas grega e romana. Quanto mais se afastava o olhar do “Crescente Fértil” por volta do ano 2000 a.C., mais se acentuava a obscuridade e mais raros iam se tornando os indícios de civilização e de vida cultural” (KELLER, 2008, p.8).

Quanto ao contexto histórico imediato, evocamos as contribuições de John Walton, Victor Matthews e Mark Chavalas (2003). No *Comentário Bíblico Atos – Antigo Testamento*<sup>147</sup>, os autores ponderam a respeito da perícopa aqui em análise. Em primeiro lugar, estabelecem um contraste no uso do termo “*filhos de Deus*” e o modo como se relaciona com o contexto histórico-religioso da época. Segundo os autores, os grandes estadistas, isto é, reis humanos eram considerados como tendo ascendência divina, ou seja, eram tidos por seus súditos não só como representantes legais dos deuses, mas como os próprios “filhos dos deuses”. Ainda ressaltam que a expressão “*escolheram para si aquelas que lhes agradaram*”, pode fazer referência ao que chamam de “direito da primeira noite”, prática descrita na Epopéia de Gilgamesh. O rei, como representante legal dos deuses, poderia manter relações sexuais com mulheres recém casadas, isso compreendia um ritual de fertilidade, diante disso, os autores sugerem uma possibilidade da real ofensa que daria sentido para a reprovação de Deus. Por fim, há desdobramentos na Epopéia referente aos “120 anos” descritos como

---

<sup>147</sup> Este comentário é classificado com histórico cultural, pois objetiva lançar luz no contexto histórico-cultural-político das questões que envolvem a cosmovisão israelita. A proposta desse comentário é, em primeiro plano, apresentar as relações contextuais e a posteriori, questões teológicas quando assim atestadas pelo texto Sagrado.

sentença sobre os homens, visto que a busca pela imortalidade constitui o cerne da narrativa épica. Dito isso, ficou evidente o ambiente histórico-contextual em que os fatos narrados em Gênesis se desenrolaram, outra questão digna de análise é o contexto histórico-literário.

## **2.8 Análise Histórico-Literária (Literatura do Antigo Oriente Próximo)**

Aqui, pretende-se verificar quais narrativas históricas eram vigentes ou recorrentes na época da compilação de Gênesis, bem como suas relações e/ou possíveis influências no fraseado bíblico. Werner Keller, discorrendo sobre o contexto histórico-literário dos eventos que compõem o Gênesis pondera,

A poesia e a ciência estavam em pleno florescimento. No Egito, surgiram a primeira literatura amena e a primeira poesia profana. O País dos Dois Rios já estava atravessando sua época de renascimento. Os filósofos de Akkad, o grande reino do baixo Eufrates, criaram a primeira gramática e o primeiro dicionário bilíngue. As lendas de Gilgamesh e dos antigos sumérios sobre a Criação e o dilúvio universal tornaram-se, colocados em acádio – a língua do mundo de então –, epopéias de caráter dramático. (KELLER, 2008, p.12).

O autor destaca a atividade literária em seu pleno desenvolvimento, além de atestar a existência de obras relevantes, também menciona as epopeias e seu uso recorrente como textos de caráter dramático. Além disso, o autor sugere que, no contexto mesopotâmico, muitas histórias e narrativas envolvendo as temáticas da Criação e do Dilúvio compreendiam o universo literário.

Concernente às narrativas da Criação, as histórias do Antigo Oriente Próximo geralmente apontam para algumas características, como deuses que mantêm relações sexuais entre si, conflitos entre divindades, oposição deliberada aos humanos, etc. Além disso, alguns textos épicos apresentam uma localização real, talvez com o intuito de requerer veracidade. Geralmente, tal localização mantém relações estreitas quanto a origem e disseminação da própria narrativa. Dentre as narrativas mais conhecidas estão o mito babilônico de Emuna Elish, o mito grego de Gaia e Urano e a Epopéia de

Gilgamesh. Nesse tipo de literatura a ação humana se resume em servir os caprichos dos deuses, na verdade, são retratados como escravos dos deuses, muito diferente da narrativa bíblica que, parece confrontar tais narrativas mitológicas quando apresenta o ser humano como uma espécie de representante, administrador da Criação, além de referir-se a ele como sua própria imagem e semelhança. O Gênesis destoa ainda da literatura do Antigo Oriente Próximo quando rebaixa tudo o que existe, isto é, natureza, animais e corpos celestes, na categoria de criaturas e/ou coisas criadas, ou seja, abaixo de um ser supremo que governa como absoluto a existência de todas as coisas.

Algumas literaturas incorporam elementos do texto bíblico, como por exemplo, a figura da serpente em Gênesis 3 que, consta também na Epopéia de Gilgamesh, no mito de Etama, no Ciclo de Inana e em A Árvore de Hulupu<sup>148</sup> (BÍBLIA, 2013, p.8), nesses casos, a serpente também desempenha um papel antagônico ao ser humano. As semelhanças continuam, algumas civilizações antigas preservam documentos que descrevem a história de um dilúvio universal, talvez o mais famoso dentre eles seja o que consta no Épico de Gilgamesh, neste, Utnapishitim refaz o papel do Noé bíblico. Em consonância com Gênesis 6.1-4, também encontramos equivalência na Epopéia de Gilgamesh,

Naqueles dias a terra fervilhava, os homens multiplicavam-se e o mundo bramava como um touro selvagem. Este tumulto despertou o grande deus. Enlil ouviu o alvoroço e disse aos deuses reunidos em conselho: 'O alvoroço dos humanos é intolerável, e o sono já não é possível por causa da balbúrdia.' Os deuses então concordaram em exterminar a raça humana. (EPOPEIA, 2011).

Aqui, a narrativa mitológica encontra eco no texto bíblico, alguns elementos mantêm a semelhança, a informação de que “os homens multiplicavam-se” é equivalente a “começou o homem a tornar-se numeroso”, em “Os deuses então concordaram em exterminar a raça humana” tem-se o mesmo sentimento de reprovação que na seguinte expressão: “E proferiu YHWH: Não contenderei meu Espírito com o homem para sempre, pois também ele é carne e serão seus dias cento e vinte anos”.

Sendo assim, constatou-se que a literatura antiga do Antigo Oriente Próximo manteve e mantém relações e influências no fraseado bíblico, com isto, não se pode descartar a possibilidade da existência de documentos antigos que serviram, de algum

---

<sup>148</sup> Num trecho de A Árvore de Huluppu encontramos a seguinte referência: “Então uma serpente que não podia ser encantada Fez seu ninho nas raízes da árvore huluppu.”. O fragmento pode ser encontrado na seguinte página da internet: <https://www.mitografias.com.br/2016/07/a-arvore-huluppu/>, acesso em 22/02/2023, às 22h.

modo, para a compilação do Gênesis, visto que isso não traz prejuízos para a ortodoxia bíblica (Lc 1.1-3).

### 3. ANÁLISE TEXTUAL E INTERPRETAÇÃO

#### Quadro 1 – Texto massorético, transliteração e tradução.

וַיְהִי כִי־הִהְיֶה לְרֹב עַל־פְּנֵי הָאֲדָמָה (wayehî kî-hêhêl hâ'âdâm lârov 'al-p<sup>e</sup>nêy hâ'âdâmâh) – “E aconteceu que, começou o homem a tornar-se numeroso sobre face da terra”.

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A primeira questão que deve ser considerada diz respeito à mudança abrupta de temática. A expressão וַיְהִי כִי־הִהְיֶה (wayehî kî-hêhêl), parece indicar a ruptura das descrições genealógicas do capítulo 5 e, conseqüentemente, inserir uma nova unidade temática. Além disso, tal expressão pode designar um tempo passado específico. Quanto a nova unidade temática, que é motivo de muitas discussões, parece limitar-se ao pecado humano. A palavra אָדָם (*hâ'âdâm*), substantivo masculino que é traduzido por “ser humano”, “homem”, ou “povo”, contribui para uma interpretação naturalista. Outro fator importante compreende o ambiente textual em que ocorre a inserção da nova temática, os capítulos 1, 2, 3<sup>149</sup>, 4 e 5 retratam a origem e desenvolvimento de seres humanos, não de seres sobrenaturais. Calvino (2018) afirma que esse versículo possui o objetivo de fazer a transição para a história do dilúvio, além disso, diz que os motivos que corroboraram para o juízo de Deus consistiu na mistura da posteridade de Sete com os filhos de Caim, ou seja, Calvino não encontra margens para interpretação sobrenaturalista.

<sup>149</sup> Com exceção aos הַכְּרֻבִּים (*hakkarubîm*) que são apresentados como uma espécie de seres angélicos em Gênesis 3.24, ainda assim, neste versículo, o foco da unidade temática é o ser humano, não seres sobrenaturais.

Outra expressão importante é לָרֹב עַל־פְּנֵי הָאָדָמָה (*lârôv 'al-p<sup>e</sup>nêy hâ<sup>e</sup>dâmâh*), aqui, referindo-se ao significativo aumento populacional do ser humano. Champlin (2001) diz que esse versículo possui pelo menos dois propósitos distintos, a saber, 1) “Fala da *imensa multiplicação* dos homens sobre a terra, cuja grande maioria estava corrompida; e 2) também como *parte* dessa multiplicação ocorreu através dos misteriosos “filhos de Deus”, que geraram filhos através de mulheres”, ou seja, houve o aumento considerável da população e, conseqüentemente, na postura ímpia de muitas pessoas. Waltke (2019, p.139) discorda do que ele classificou como “interpretação tradicional”, segundo ele, o entendimento de Lutero e Calvino devem ser desconsiderados por questões filológicas, pois em “Quando os homens [*hâ'âdâm*] começaram a aumentar... e as filhas [*b<sup>e</sup>nôt*] lhes deram à luz”, *hâ'âdâm* é genérico para humanidade, e *b<sup>e</sup>nôt* se refere a toda sua descendência feminina”. Waltke apresenta inclinações por uma interpretação angélica, no entanto, reconhece suas fragilidades, uma vez que não se ajusta ao contexto do dilúvio que, claramente, trata-se de um juízo sobre os homens.

Percebe-se que tanto Calvino (2018) quanto Champlin (2001), neste primeiro versículo, parecem não admitir qualquer tipo de interpretação que não compreenda o *lôcus* no ser humano e sua degradação moral. Além disso, os contextos anterior e posterior parecem endossar a perspectiva naturalista, ou seja, o capítulo 5 descrevendo genealogias humanas e o capítulo 6 apresentando os motivos que justificaram o juízo de Deus com o dilúvio. Por outro lado, a tentativa gramatical de Waltke (2019) apresenta inconsistência quando analisada junto ao contexto. Sendo assim, o primeiro versículo se ajusta mais facilmente à uma interpretação naturalista.

**Quadro 2** – Texto massorético, transliteração e tradução.

וַיֵּרְאוּ בְנֵי־הָאֱלֹהִים אֶת־בָּנוֹת הָאָדָם כִּי טֹבוֹת הָיָה וַיִּקְחוּ לָהֶם נָשִׁים מִכָּל אֲשֶׁר בָּחָרוּ  
 (wayyir'ê'û v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm 'et-b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm kî tôvôt hênnâh wayyiq<sup>e</sup>hû lâhem  
 nâshîm mikôl <sup>e</sup>asher bâhârû) – “E viram os filhos de Deus as filhas dos homens que  
 eram agradáveis e, eles as tomaram para eles”

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Toda a discussão que envolve a perícopa aqui em análise, diz respeito à identificação dos “filhos de Deus” e das “filhas dos homens”. A expressão בְנֵי־הָאֱלֹהִים

(*v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm*), traduzida como “filhos de Deus”, é formado pelo substantivo בן (*ben*) que é geralmente traduzido por “filho”, mas como nesse caso existe uma construção no plural traduz-se por “filhos” somado ao artigo definido ה (*hâ*), traduzido por “de”, conforme as maiorias das traduções optaram, prefixado ao substantivo אֱלֹהִים (*elôhîm*), traduzido por “Deus”. Calvino (2018) ao se referir sobre a possibilidade da relação sexual entre mulheres e anjos, classifica essa interpretação como *antiga ficção* e, afirma que esse versículo apresenta o pecado humano, ou seja, dos “filhos de Deus”, no ato de escolherem esposas de maneira licenciosa. Calvino ainda pondera a respeito da maneira como as Escrituras apresentam os “filhos de Deus” nos diversos contextos, ora referindo-se à eleição eterna, ora à vocação eterna, propondo, com isso, a clara distinção entre o que ele chama de *herdeiros legítimos* e os *lobos e estranhos*.

Para a expressão “os filhos de Deus”, Champlin (2001) apresenta 10 interpretações possíveis que compreendem desde a linhagem piedosa de Sete até a possibilidade de o escritor/autor bíblico ter se utilizado de um fragmento mitológico, além disso, faz um paralelo entre a narrativa bíblica com as crenças antigas que envolviam a união sexual entre seres sobrenaturais e seres humanos. Quanto a união dos “filhos de Deus” com as “filhas dos homens”, Champlin (2001, p.58) diz que “apesar de não haver como provar o que o autor sacro tinha em mente, *opino* que estão em foco anjos, [...] Os trechos de Jud. 6 e II Ped. 2.4 são usados em favor da ideia angélica”. O autor ancora-se numa tentativa de intertextualidade quando pretende elucidar Gênesis 6.1-4 a partir de Judas e 2Pedro, com isso, fica evidente sua inclinação para a perspectiva sobrenaturalista. Sobre tal tentativa, Kidner (1979, p.79) pondera, “Mas onde a Escritura é tão reticente como o é aqui, Pedro e Judas nos aconselham retirada. Coloquemo-nos em nosso próprio lugar!”, em outras palavras, apesar de parecer que Kidner se inclina para uma interpretação angélica, admite sérias restrições quanto ao uso dos textos neotestamentários para a defesa desse ponto de vista.

Não são poucos os autores que tentam argumentar em favor da visão sobrenatural partindo de uma análise isolada da expressão בְּנֵי־הָאֱלֹהִים (*v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm*) em contextos diversos como apresentando, em todas as suas ocorrências, referências a anjos, por exemplo em Jó 1.6; 2.1; 38.7. Sl 29.1; 89.6. Porém, parecem não atentar para o fato de que, isolar um termo ou expressão original e aplicar um único significado conveniente para todas as ocorrências de

determinado termo, não reflete uma postura de honestidade acadêmica, mas sim uma análise enviesada por preferências teórico-teológicas. Com isso, o mais adequado seria uma análise de cada ocorrência a luz de seu próprio contexto, disso depende o caráter exegético de uma pesquisa séria.

Concernente a expressão וַיִּקְחֻהֶם (wayyiq'hû), isto é, “eles as tomaram”, é percebido certo tom de violência e obstinação. Quanto à gramática, o termo é constituído de uma conjunção ו (waw) somada ao verbo קָחַ (laqach) no Qal imperfeito consecutivo na terceira pessoa do masculino plural. Seu significado gravita em torno de “tomar”, “obter”, “buscar”, “empoderar-se”, “apreender”, etc.<sup>150</sup>, ou seja, sugere o sentido de apropriar-se de forma violenta. Em outras palavras, a união entre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens” não reflete aspectos poéticos ou românticos, pelo contrário, demonstra traços de impetuosidade e ferocidade. Analisando esse verbo no Qal, Holladay (2010) apresenta como correspondentes imediatos os termos “tomar”, “agarrar”, “pegar”, “adquirir”, e outros, essas características gramaticais e linguísticas permitem vislumbrar o pecado e as possíveis motivações que resultaram na reprovação de Deus nos versículos subsequentes.

Calvino (2018), ao descrever o ato de *tomar para si*, o classifica como “a violenta impetuosidade”, tal postura assevera a inclinação que os “filhos de Deus” tinham para o pecado de licenciosidade, ainda segundo Calvino *op. cit.*, eles iam “avançando afoitamente de acordo com a sua luxúria”. As palavras de Calvino reforçam o ato violento proposto pela análise gramatical. Champlin (2001, p.58) não aprofunda a discussão a respeito da expressão em si, apenas assegura que, devido ao contexto pecaminoso e polígamo, “as mulheres estavam dispostas e os homens estavam ansiosos”. Aqui, uma questão importante, o uso da palavra *homens* acaba demonstrando certa incoerência com relação ao posicionamento de Champlin em sua opinião de que os “filhos de Deus” seriam anjos. De outro modo, ao analisar a parte “b” do versículo, Waltke (2019, p.141) afirma que “O hebraico lê literalmente ‘viram... boas... tomaram.’ Seu pecado reitera o padrão (‘viu... atraente... tomou’) do pecado original em 3.6”, a proposta do autor é afirmar que a predisposição dos “filhos de Deus” e das “filhas dos homens” refaz a mesma estrutura de rebeldia do Jardim do Éden.

Em síntese, contrariando a opinião de Champlin, constatou-se, a partir da relação que o termo estabelece com seu ambiente textual, que as expressões בְּנֵי־הָאֱלֹהִים

<sup>150</sup> Uma adaptação proposta a partir da consulta da *Home Page* de ©2023 [Blue Letter Bible](https://www.blueletterbible.org/lexicon/h3947/kjv/wlc/0-1/), endereço eletrônico: <https://www.blueletterbible.org/lexicon/h3947/kjv/wlc/0-1/>, acesso em 04/03/2023 às 01h30.

(*v<sup>e</sup>nêy-hâ'elôhîm*) וְנִתְּנָהּ לְבָנָיו (b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm) se aplicam mais adequadamente à seres humanos e não à anjos ou qualquer manifestação sobrenatural, ou seja, averiguou-se, a partir da análise gramatical, das postulações teóricas e da análise do contexto imediato que o versículo 2 compreende melhor uma interpretação naturalista, ou seja, identificando os “filhos de Deus” como seres humanos e suas ações pecaminosas, provavelmente trata-se da “linhagem piedosa de Sete” e da “linhagem rebelde de Caim”.

**Quadro 3** – Texto massorético, transliteração e tradução.

לֹא-יִדּוֹן רוּחִי בְּאָדָם לְעֹלָם בְּשָׁגָם הוּא בָּשָׂר (lô'-yâdôn rûhî vâ'âdâm l'ôlâm b<sup>e</sup>shaggam hû' vâsâr) – “Não contenderá meu Espírito com o homem para sempre, pois também ele é carne”

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

A palavra יִדּוֹן (*yâdôn*) contempla certos graus de dificuldades no que tange a sua tradução, dentre as possibilidades de correspondentes para o termos estão “permanecer”, “agir” e “contender”, tanto é verdade que os tradutores não apresentam um consenso em suas escolhas. Com relação as suas características gramaticais, o termo compreende um verbo no Qal na terceira pessoa do singular. Para o termo, Waltke (2019, p.141) diz que “O significado da palavra hebraica única é incerto”, o autor chama atenção para o fato de que a palavra aparece uma única vez, ou seja, *yâdôn* tem apenas uma única ocorrência no texto massorético, esse tipo de expressão é classificada como *hapax legomenon*<sup>151</sup>, daí a sua dificuldade de tradução. Kidner (1979), ao comentar o versículo 3, faz algumas ponderações a respeito de *yâdôn*,

Neste versículo muito controvertido, sigamos a RSV: “*Meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, pois ele é carne, mas...*”. A palavra permanecer (*yâdôn*), usada pela Tradução Brasileira, recebe apoio das principais versões antigas, embora sua etimologia seja incerta. A tradução de AV, RV (“lutar por”; Almeida, Edição Revista e Corrigida, “contender”) parece exigir a forma *yâdîn* ou possivelmente *yâdûn*. Mesmo a palavra “pois” (*bešaggam*, “porquanto, como

<sup>151</sup> Expressão latina muito veiculada em âmbito acadêmico-teológico para designar termos, palavras ou expressões que aparecem uma única vez em determinada obra literária.

também") não fica livre de objeção (ver RVmg), mas os melhores MSS a apóiam. (KIDNER, 1979, p.79).

Kidner apenas reforça algumas questões que envolvem as dificuldades de significação que se tem com o termo hebraico.

Calvino (2018), por sua vez, parece não admitir a tradução “não permanecerá”, seus argumentos são de que, de certa forma, esse termo (“permanecerá”) acaba se desdobrando para interpretações que transmite a ideia de que o homem estava sendo privado do juízo divino. Sua preferência de tradução é pelo verbo דין (*din*) que pode ser traduzido por “julgar”<sup>152</sup>. A postulação de Calvino gira em torno do sentido de que Deus estava como que cansado da impiedade do homem אָדָם (*ádâm*) e com isso, lhe promete vingança e castigo. Para Calvino, isso seria como se Deus lutasse com o homem com o intuito de levá-lo ao arrependimento, por isso, a tradução “não contender” estaria mais ajustada com o que é proposto na perícopé, sendo assim, o “não contender” equivaleria ao resultado da postura de Deus em não encontrar chances para que aqueles homens chegassem ao arrependimento de suas más obras.

Para finalizar, se faz necessário algumas ponderações acerca das palavras אָדָם (*vâ'ádâm*), בָּשָׂר (*vâsâr*) e בְּשַׁגְגָּם (*b<sup>e</sup>shaggam*). A terminologia אָדָם (*vâ'ádâm*) “com o homem” reforça ainda mais a posição naturalista, realmente parece não haver possibilidades de uma interpretação que não enxergue o ser humano como o ponto nevrálgico da discussão. A expressão בְּשַׁגְגָּם הוּא בָּשָׂר (*b<sup>e</sup>shaggam hú' vâsâr*) parece demonstrar o grau de degradação moral e espiritual do homem. Calvino (2018), em seu comentário de Gênesis, chama atenção quando afirma que a palavra *vâsâr* não se limita na descrição do aspecto material do ser humano, mas compreende o ser como “o todo”, em outras palavras, para Calvino o homem foi corrompido em todas as suas faculdades, isso inclui sua materialidade (carne) e espiritualidade (espírito)<sup>153</sup>, assim, suas aspirações são naturalmente inclinadas para o mal. Com isto, o termo *vâsâr*, “carne”, sugere uma corrupção geral do ser a que os homens foram acometidos por suas más ações. Por outro lado, a palavra בְּשַׁגְגָּם (*b<sup>e</sup>shaggam*) denota a seguinte ideia: “por esse motivo o homem é carnal”, em termos lógicos e coerentes poderíamos resumir tudo em uma sentença: “o Espírito não contenderá mais com o homem e por esse motivo ele

<sup>152</sup> Significado de דין (*din*) extraído da *Home Page* © 2004 - 2023 by Bible Hub, endereço eletrônico: <https://biblehub.com/hebrew/1777.htm>, acesso em 04/03/2023, às 18h.

<sup>153</sup> Não entraremos no mérito das questões que envolvem a definição d constituição humana, se tricotomia ou dicotomia, apenas reforçamos que a palavra hebraica, para Calvino (2018), engloba o ser humano em sua totalidade.

tornou-se carnal em sua totalidade”. Em outras palavras, o pecado humano resultou em sua grave degradação como imagem de Deus. A partir disso, observou-se que a interpretação sobrenaturalista não pode ser sustentada também neste versículo.

**Quadro 4** – Texto massorético, transliteração e tradução.

הַנְּפִלִים הָיוּ בָאָרֶץ בַּיָּמִים הָהֵם וְגַם אֲחֵרֵי-כֵן אֲשֶׁר יָבֹאוּ בְנֵי הָאֱלֹהִים אֶל-בָּנוֹת הָאָדָם וַיִּלְדוּ לָהֶם  
(*hann<sup>e</sup>filîm hâyû vâ'ârets bayyâmîm hâhêm w<sup>e</sup>gam 'ah<sup>e</sup>rêy-khên 'asher yâvô'û b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm el-b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm w<sup>e</sup>yâl<sup>e</sup>dû lâhem hêmmâh haggibôrîm 'asher mê'ôlâm*) – “Os nefilim estavam na terra naqueles dias, aqueles e também depois assim, quando entraram os filhos de Deus para às filhas dos homens e eles geraram para eles aqueles, os poderosos que desde da antiguidade”

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

O primeiro vocábulo a ser analisado é הַנְּפִלִים (*hann<sup>e</sup>filîm*), pois carrega interpretações míticas e fantasiosas. Em sua composição gramatical o termo compreende o artigo definido ה prefixado ao substantivo masculino plural נְפִלִים. O termo em si apresenta sérias dificuldades de tradução, algumas Sociedades Bíblicas e Comissões de Tradução costumam manter o termo transliterado em suas traduções, pois entendem a complexidade com a qual a palavra é investida. A tradução para “gigantes”, na verdade, trata-se de uma proposta da Septuaginta que acabou sendo a preferência para muitas traduções. O vocábulo hebraico possui apenas 3 ocorrências no Texto Massorético, uma em Gênesis 6.4 e as outras duas em Números 13.33.

Calvino (2018) em seu comentário de Gênesis, ao tratar do termo *hann<sup>e</sup>filîm*, diz que provém do verbo נָפַל (*nafal*) “cair”, mas pondera que mesmo entre os gramáticos não existe consenso quanto sua origem etimológica. Além disso, coaduna com sua posição anterior ao afirmar que os *nefilim* são, na verdade, homens, não anjos ou seres semidivinos, mas que tiveram sua origem anterior ao Gn 6.4, visto que o texto afirma categoricamente que eles “estavam naqueles dias e também depois”, ou seja, os *nefilim*

não podem ser vistos como originários exclusivamente da união entre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens”. O que Moisés está afirmando é simplesmente que já existiam os *nefilim*, mas não está claro que o autor/escritor sagrado se refere como que de origem a partir desta união. Ainda segundo Calvino *op. cit.*, Moisés apenas relata a existência prévia dos *nefilim* como exemplo de corrupção moral, com isso, os que nasceram da união promiscua entre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens” imitaram suas más práticas. Com isso, Calvino consolida seu posicionamento naturalista com relação a interpretação de Gn 6.1-4.

Ainda concernente ao termo  $\text{נְפִלִים}$  (*hann<sup>e</sup>filim*) Kidner pondera,

A famosa frase de AV, AA, *havia gigantes* deriva da LXX mediante a Vulgata, mas RV, RSV confessam a obscuridade da palavra-chave transliterando-a, “*the Nephilim*” (os nefilins). Contudo, a expressão *homens poderosos*, juntamente com Nm 13:33, tende a fortalecer o uso da tradução costumeira. Vale a pena observar que não se diz que os gigantes provieram exclusivamente dessa origem. Se alguns surgiram desse modo (*e também depois*), outros já existiam (*naquele tempo*). (KIDNER, 1979, p.80).

O autor faz, pelo menos, duas importantes observações. Em primeiro lugar, parece sugerir que a interpretação costumeira é construída a luz do entendimento de Nm 13.33, pois é somente a partir desse texto que o termo “gigantes” ganha mais precisão. Em segundo lugar, reforça a impossibilidade de os *nefilim* terem surgido exclusivamente da união entre os “filhos de Deus” e as “filhas dos homens”.

Outra contribuição importante advém de Wiersbe,

A palavra “gigantes”, em Genesis 6:4, é uma tradução do termo hebraico *nefilim*, que quer dizer “caídos”. Alguns daqueles que aceitam a “teoria dos anjos” para o capítulo 6 acreditam que se tratava de anjos caídos, cujos filhos tornaram-se grandes líderes. Como vimos anteriormente, se esses *nefilim* fossem anjos em forma humana, ou eles sobreviveram ao dilúvio (pois os espias hebreus os viram em Canaã; Nm 13:31-33), ou então houve uma segunda invasão de “anjos caídos”. As duas ideias parecem um tanto inacreditáveis. (WIERSBE, 2006, p.51).

O autor enfatiza alguns desdobramentos caso os *nefilim* realmente fossem anjos, em sua opinião só existem duas possibilidades de resposta: 1) *o dilúvio não exterminou todos*, ou seja, Noé e sua família não foram os únicos que sobreviveram ao juízo de Deus; 2) *pode ter havido uma segunda queda de anjos*, isto é, o dilúvio exterminou

todos, mas em algum momento não descrito nas Escrituras houve uma segunda queda desses seres angélicos. Para a primeira possibilidade, a resposta é no mínimo incoerente com o registro de Gn 7.23: “Assim, **foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra; o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca.**”<sup>154</sup>, quanto a segunda, parece uma tentativa de trabalhar no “silêncio das Escrituras”, ou seja, não passa de uma tentativa de afirmar o que a Escritura não autoriza por falta de evidências escriturísticas, sendo assim, tal proposta se define por mera especulação. Por fim, Wiersbe *op. cit.* diz que uma melhor interpretação seria entender os *nefilim* como pessoas que estavam “caídas” em seus delitos e que eram tidas com grande prestígio por muitos do seu tempo. Assim, o termo נפול (*nafal*) “cair” alcançaria melhor significado no contexto.

Sobre as duas ocorrências do termo que constam em Nm 13.33, quando comparadas aos *nefilim* de Gn 6.4, talvez a melhor resposta seja a de que os espias relataram que os moradores daquela terra lembravam os *nefilim* de Gn 6.4 de que tinham conhecimento, ou seja, seria uma tentativa de compará-los com o único referencial que dispunham. Porém, nem todos estão de pleno acordo com essa perspectiva, Brown, Fitzmyer e Murphy (2007, p.71) afirmam que os “*Nefilim* ‘os anjos caídos [*i.e.* do] céu’ são a raça de gigantes mencionadas em Nm 13,33 como os gigantes que habitavam Canaã antes da conquista israelita. Eles eram filhos de uniões profanas”. Segundo Champlin (2001, p.58-59), “A literatura grega e romana fala sobre *heróis*, muitos dos quais seriam meio-divinos e meio-humanos, com deuses como pais ou deusas como mães. É claro que não devemos pensar aqui em seres imateriais, e, sim, seres inteligentes de grande poder, de alguma ordem física superior”. A argumentação de Champlin caminha para a interpretação sobrenaturalista quando utiliza-se do contexto histórico literário, além disso, o uso da expressão “ordem física superior” sugere desdobramentos para tal interpretação. Champlin *op. cit.* continua, “Nesse estágio da teologia dos hebreus, não é provável que os anjos fossem concebidos como seres materiais, o que justificaria a possibilidade da propagação de filhos por meio de mulheres humanas”. Aqui, o autor deixa claro a sua preferência interpretativa. Talvez a contribuição mais enfática de uma perspectiva sobrenatural seja a de Waltke (2019, p.42), “Eram também chamados “heróis”. Estes constituem a descendência dos tiranos

---

<sup>154</sup> Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, o grifo é de nossa responsabilidade.

demoníacos que enchem a terra com violência (ver 6.11; Nm 13.33)”. Apesar de Brown, Fitzmyer e Murphy (2007), Champlin (2001) e Waltke (2019) serem bons comentaristas parece que não analisaram ou não atentaram para as questões que foram devidamente marcadas por Calvino (2018), Kidner (1979) e Wiersbe (2006).

Por fim, outra expressão importante, אנשי חשש (‘*aneshî hashshêm*) “homens de renome”. O termo אנשי (‘*aneshî*) é o mesmo para designar “homens”, é originário do substantivo masculino איש (‘*ish*), possui mais de 2000 mil ocorrências no Texto Massorético e em sua grande maioria faz referência a seres humanos, nunca a anjos ou qualquer tipo de ser semideus. Sendo assim, esse vocábulo também colabora para o argumento da interpretação naturalista, uma vez que é utilizado para homens. A palavra חשש (hashshêm), artigo definido mais substantivo masculino singular, descreve a popularidade e fama de tais homens, eram pessoas de boa reputação, isto é, pelo menos aos olhos de outras pessoas, isso não significou aprovação de Deus, pelo contrário, foram tidos como réprobos e alcançaram o juízo divino. Em síntese, esse versículo também possui elementos suficientes para sustentar a posição naturalista, e não forçar o texto a afirmar o que não está escrito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do texto de Gênesis 6.1-4 se justificou por sua diversidade e conflitos de interpretações. Como exposto no corpo do artigo, a perícope em análise tem sido debatida desde muito tempo, e ficou notório o fato de que não existe um consenso entre eruditos a respeito da real intenção de Moisés ao escrevê-lo. Além disso, o texto em sua conjuntura contextual e gramatical apresenta algumas dificuldades para uma interpretação razoável, com isso, as muitas perspectivas nascem de duas grandes possibilidades interpretativas, em primeiro lugar, a posição sobrenaturalista, que tenta responder à questão consubstanciada no pensamento mítico do Antigo Oriente Próximo e em sua contribuição literária, além de propor uma interpretação fantasiosa e, no mínimo, duvidosa que caracteriza-se por falta de evidências internas das Escrituras. Afirma ainda a união sexual entre anjos e seres humanos, “fato” que insulta o raciocínio lógico e coerente. Em segundo lugar, a posição naturalista, que parte de uma tentativa de resposta *natural*, ou seja, entende que os contextos imediato, próximo e remoto devem ser o alicerce para uma proposição aceitável de interpretação. Não propõe mitos

ou fantasias, mas tenta responder o texto por meio de seu ambiente textual, isto é, seu contexto. Por isso, o presente artigo optou pela posição naturalista, pois a partir dos comentários, da tradução e das análises exegetico-histórico-gramaticais os resultados revelaram uma aproximação mais coerente com as Escrituras. Quanto a identidade dos *b<sup>e</sup>nêy hâelôhîm* e das *b<sup>e</sup>nôt hâ'âdâm*, os resultados da pesquisa demonstraram que, provavelmente, compreendem “a linhagem piedosa de Sete” e “a linhagem rebelde de Caim”, estando assim em conformidade com a posição naturalista defendida neste trabalho. Concernente a comunidade acadêmica, este artigo contribui para as discussões teórico-epistêmico-teológicas que envolve o campo da hermenêutica e exegese bíblica. O trabalho não teve nenhuma pretensão de “esvaziar” o assunto ou apresentar “todas” as respostas a respeito do tema, pois temos ciência de que o *fazer científico* compreende outras contribuições de reflexão para um objeto que, neste caso, já foi analisado.

## REFERÊNCIAS

- BIBLE HUB, Glassport (PA), 2022, disponível em <<https://biblehub.com/>>.
- BÍBLIA. **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. 3<sup>o</sup> ed. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil, 2018.
- BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.
- BÍBLIA. Português. *In*: BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Tradução de Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse. São Paulo: Editora Vida, 2013.
- BÍBLIA. Português. *In*: BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**: Antigo e Novo Testamentos. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- BÍBLIA. Português. *In*: BÍBLIA. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. Tradução e revisão permanente a cargo do Comitê Internacional da Tradução Bíblia King James para a língua portuguesa, sob direção da Sociedade Bíblia Ibero-Americana & Abba Press no Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012.
- BÍBLIA. **Septuaginta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.
- BROWNS, R. E.; FITZMYER, J. A. e MURPHY, R. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007.
- CALVINO, João. **Série Comentários Bíblicos**: Gênesis. Volume 1. Tradução: Valter Graciano Martins. Michigan-EUA: 2018.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. Volume 1. 2<sup>a</sup> edição. São Paulo: Hagnos, 20001.
- COLEMAN, J. A. **O dicionário de mitologia**: um a-z de temas, lendas e heróis. Tradução: Monica Fleisher Alves. São Paulo: Pé de Letra, 2021.

- ELLISEN, Stanley A. **Conheça melhor o Antigo Testamento**. Tradução: Emma Anders de Souza Lima. São Paulo: Editora Vida, 1993.
- EPOPEIA de Gilgamesh. Tradução: N.K. Sandras e Carlos Daudt de Oliveira. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- E-SWORD: *The Sword of the LORD with an electronic edge*. Versão 13.0.0. Local: United States of America. Rick Meyers. Software, 2021. Disponível em <www.e-sword.net>.
- ETHERIDGE, J.W. *The Targums of Onkelos and Jonathan Ben Uzziel on the Pentateuch with the Fragments of the Jerusalem Targum: Genesis and Exodus*. London: Longman, Green, Longman, and Roberts, 1862, p. 46.
- FRANCISCO, Edson de Faria. **Antigo Testamento interlinear Hebraico-Português volume 1 – Pentateuco**. São Paulo: Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GUSSO, Antônio Renato. **O Pentateuco**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba, A.D. Santos Editora, 2011.
- HAMILTON, Victor P. **O manual do Pentateuco**: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuterônimo. Tradução: James Monteiro dos Reis. 2ª ed. Rido de Janeiro: CPAD, 2007.
- HOFF, Paul. **O Pentateuco**. Tradução: Luiz Caruso. 18ª reimpressão. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento**. Tradução: Daniel de Oliveira. São Paulo: Editora Vida Nova, 2010.
- KELLER, Werner. **Arqueologia da Bíblia**. Tradução: Maria J.B. Angela Z. Miguel G. Antonio B. e Marcelo N. Barcelona: Ediciones Folio, 2008.
- KELLEY, Page. **Hebraico bíblico**: uma gramática introdutória. Tradução: Marie Ann Wangen Krahn. 11ª ed. São Leopoldo, 2018.
- KIDNER, Derek M.A. **Gênesis**: introdução e comentário. Tradução: Odayr Olivetti. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- SIQUEIRA, Reinaldo W. Os “filhos de Deus” em Gênesis 6:1-4. In: **Kerygma**, v.1, n.2, p. 37-47, 2005.
- TROYES, Rashi di. *Commento Alla Genesi. Traduzione di Luigi Cattani. Casale Monferrato: Casa Editrice Marietti*, 1985, p. 45.
- VAILATTI, Carlos Augusto. O “filhos de Deus” e as “filhas do homem”: as várias interpretações dadas a Gênesis 6.1-4. In: **Vértices**, n.15, p. 96-123, 2013.
- WALTKE, Bruce K. **Comentários do Antigo Testamento**: Gênesis. Tradução: Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Bíblico Atos**: Antigo Testamento. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. Belo Horizonte: Editora Atos, 2003. p. 35.
- WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Antigo Testamento. Volume 1, Pentateuco. Tradução: Susana E. Klassen. São Paulo: Geográfica Editora, 2006.